SUINOCULTURA

ESPERA-SE QUE OS BONS PREÇOS RECEBIDOS PELOS SUINOCULTORES, DESDE O INÍCIO DO ANO, ACARRETEM MAIOR OFERTA DE ANIMAIS PRONTOS PARA ABATE, A PARTIR DE 1983. ESTES PREÇOS DEVERÃO MANTER-SE ELEVADOS, EM RAZÃO DO AUMENTO DA DEMANDA PELA CARNE SUÍNA, NO FIM DO ANO.

Muitas das deficiências apresentadas pela suinocultura brasileira devem-se à organização do setor, marcantemente influenciada pela existência de um oligopsônio. Tais deficiências, aliadas às restrições alimentares que a carne de porco tradicionalmente sofre, encarregam-se de justificar a aparente contradição entre o comportamento dos preços desta carne no varejo e o dos preços das outras carnes, como vem sendo observado este ano.

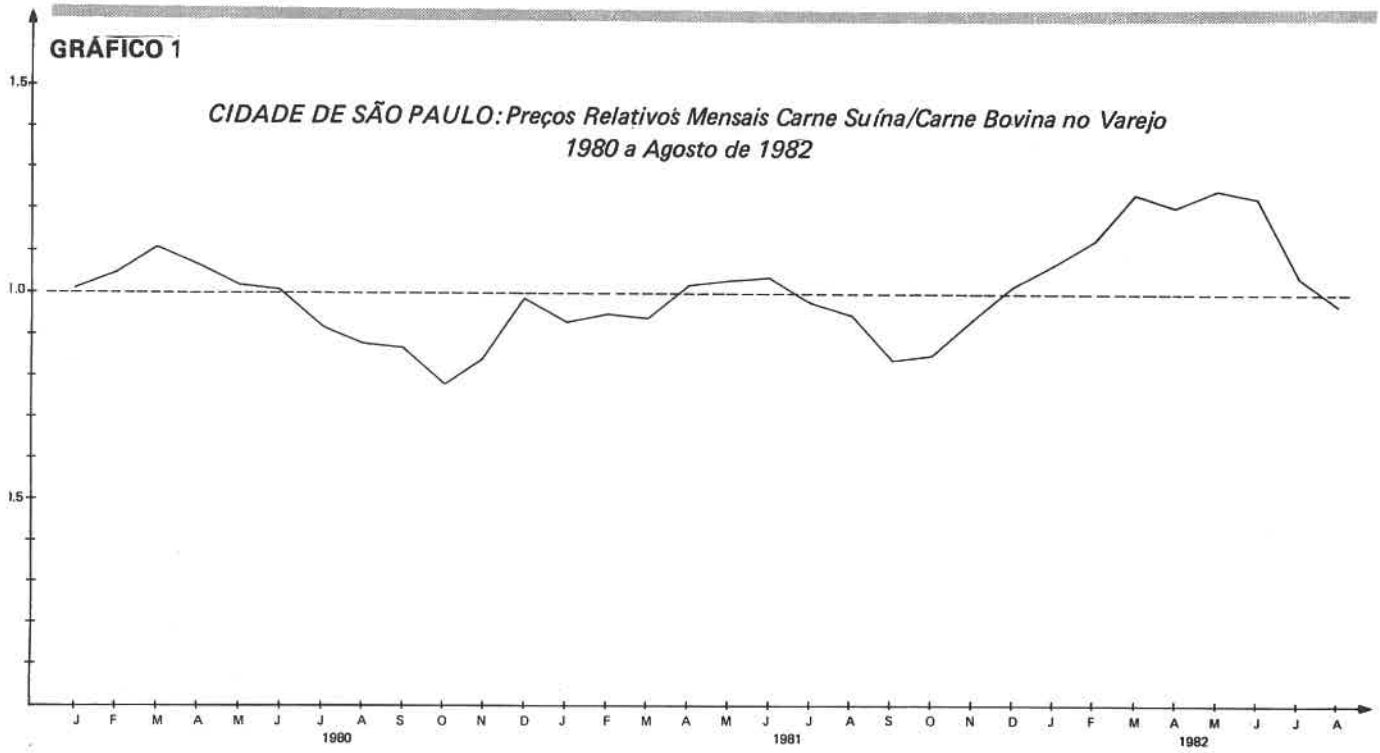
O distanciamento, por assim dizer, entre o suinocultor e o consumidor de carne de porco, é ditado pela própria estrutura deste mercado, onde um percentual muito pequeno é reservado à venda do produto **in natura**. De fato, a maioria dos subprodutos suínos comercializados passa por um processo de industrialização. Desta maneira, em época de menor oferta do suíno vivo, independentemente da tendência de preços das outras carnes observada em nível de varejo, o preço pago ao suinocultor sofre elevações equivalentes ao ágio correspondente à cobertura da defasagem entre a capacidade da indústria e a oferta desta matéria-prima. Ou seja, de modo completamente oposto ao que se vem verificando no mercado avícola, o ano corrente tem sido extremamente favorável à suinocultura, numa total reversão dos resultados financeiros obtidos em 1981 pelo criador. Todavia, a comparação com o mercado de aves deve ser feita apenas parcialmente, tendo em vista a maior duração do período de preparação do suíno para abate e a maior demora da adequação dos plantéis à alteração nos preços de mercado.

Assim, a carne suína, apesar de ser considerada um substituto da carne bovina, apresenta, em relação a esta, uma certa independência no que concerne aos preços no varejo. Ao contrário do que ocorre no mercado de aves, a relação do preço varejista da carne porcina com a carne bovina pode, como vem acontecendo este ano, apontar desvantagem para aquela junto à população, mesmo em se tratando de época em que a perda do poder de compra dos consumidores os obriga a optar por alimentos de preço mais baixo.

Através do Gráfico 1, pode-se observar o comportamento, desde janeiro de 1980, do preço relativo carne suína/carne bovina, no varejo da cidade de São Paulo. Entre dezembro de 1981 e julho de 1982, a relação se manteve acima da unidade, enquanto que o Gráfico 2 atesta que os oito primeiros meses deste ano caracterizaram-se por uma que-

GRÁFICO 1

CIDADE DE SÃO PAULO: Preços Relativos Mensais Carne Suína/Carne Bovina no Varejo 1980 a Agosto de 1982



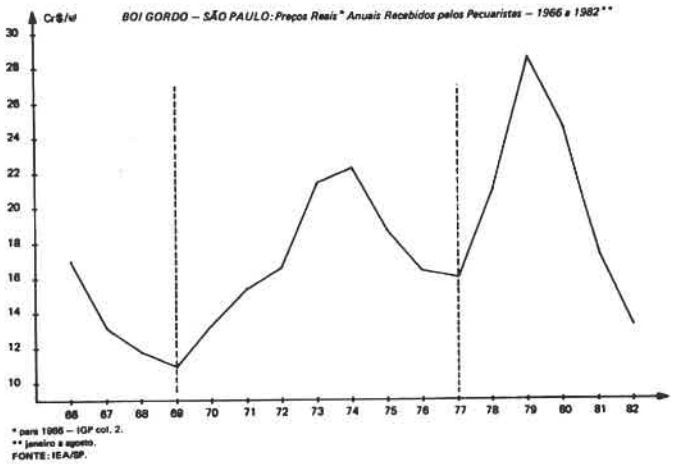
da de 15,2% nos preços recebidos pelos bovinocultores, em relação a igual período de 1981. Ou seja, enquanto o preço médio real da carne bovina, no varejo de São Paulo, entre janeiro e agosto deste ano, foi 9,5% inferior ao mesmo período de 1981 e 30% inferior ao mesmo período de 1980, o preço real da carne suína manteve-se elevado no período, 20,6% acima da média de janeiro/agosto de 1981. Desta forma, não só foi dificultada a expansão do seu consumo, como, também, alargou-se a fatia do mercado consumidor tradicional da carne bovina. Em outras palavras, se, de janeiro a agosto deste ano, o salário mínimo pôde comprar mais de 38 kg de carne bovina e quase 70 kg de carne de frango naquela cidade, a quantidade de carne suína adquirida com aquela mesma soma não ultrapassou os 33,9 kg.

Para o suinocultor, no entanto, esta defasagem entre o poder de compra da população e o preço da carne de porco é muito menos importante do que a registrada no ano passado, quando a elevada oferta de animais terminados levou ao aviltamento profundo dos preços reais recebidos, que desceram a níveis próximos ao de dez anos antes (ver Gráfico 3). Com efeito, a oferta elevada de animais terminados, aliada à própria situação recessiva da economia como um todo, causou esta queda dos preços.

A evolução desfavorável dos preços recebidos pelos suinocultores iniciou-se, na verdade, em meados de 1980, conforme atesta o comportamento do preço relativo suíno/milho desde janeiro de 1980 (ver Gráfico 4) para os três estados da região Sul. A partir de agosto daquele ano (ou seja, no início da chamada "safra de suínos") a relação deteriorou-se, não só em função da natural maior oferta de animais, como também devido ao aumento dos

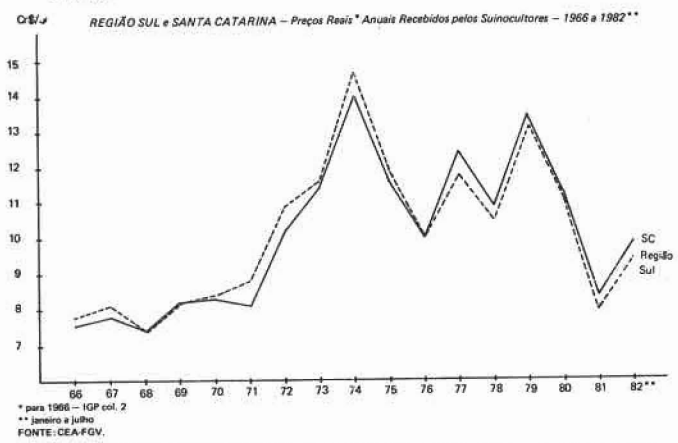
GRÁFICO 2

BOI GORDO – SÃO PAULO: Preços Reais Anuais Recebidos pelos Pecuaristas – 1966 a 1982***



* para 1966 – IGP col. 2.
** janeiro a agosto.
FONTE: IEA/SP.

GRÁFICO 3



preços do milho na entressafra. Aí reside a explicação por que, naquele ano, os abates inspecionados destes animais, na região Sul, foram 19% superiores aos de 1979. Após uma breve recuperação da lucratividade, entre março e abril de 1981 (época da colheita da safra 1980/81 de milho) este preço relativo iniciou um comportamento errático, contribuindo para manter a tendência à diminuição dos plantéis, que tivera início no segundo semestre de 1980.

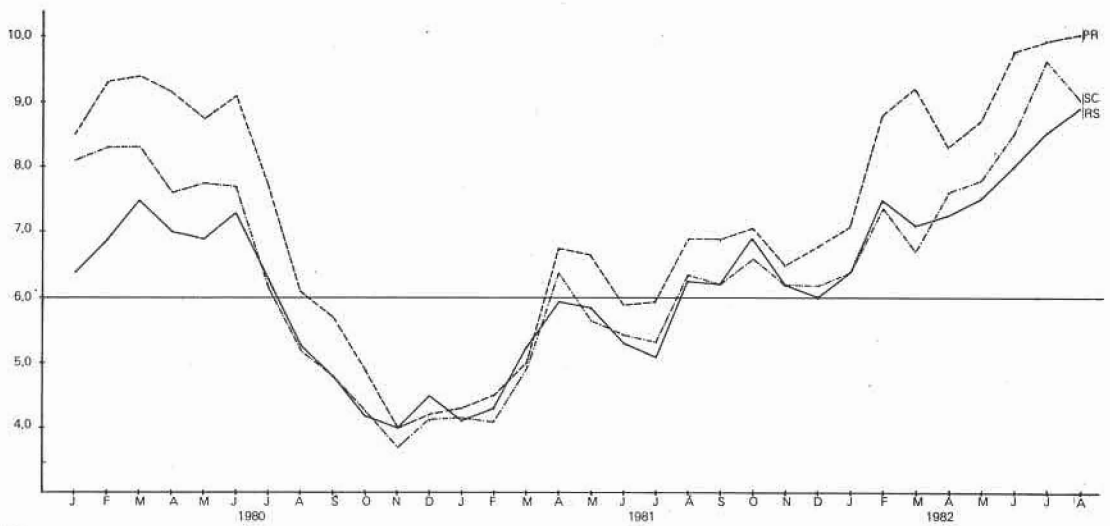
De acordo com o Gráfico 4, observa-se que a verdadeira recuperação da lucratividade dos criadores iniciou-se a partir de dezembro de 1981. De fato, considerando-se que, entre o nascimento de uma matriz e a época de abate dos animais de sua primeira parição, passam-se de 17 a 18 meses, era de se esperar que a reversão dos prejuízos viesse a acontecer nesta época, cerca de dezoito meses após o início da queda dos preços reais recebidos pelos criadores.

O Gráfico 5 confirma esta tendência, ao demonstrar como se situaram os abates ao longo dos sete primeiros meses de 1980, 1981 e 1982, na região Sul: à exceção do mês de março de 1982, os abates mensais do presente ano foram inferiores aos dos anos anteriores, como reflexo da retração da oferta de animais terminados. Com efeito, alguns abatedouros, que consideram normal operar com até 20% de capacidade ociosa, este ano vêm convivendo com taxas de inoperância de 50%, muito embora os preços reais pagos aos suinocultores sulistas, de janeiro a julho deste ano, tenham sido cerca de 17% superiores aos de igual período de 1981.

Sintomaticamente, o Departamento de Agricultura dos EUA prevê, para 1982, uma queda de 1% na produção brasileira de carne suína em relação à de 1981, devendo alcançar apenas 970 mil t. Caso este número se concretize, significará que a participação desta carne no total das carnes produzidas internamente (à exceção do pescado) decrescerá para 19%, em comparação com 22% em 1980 e

GRÁFICO 4

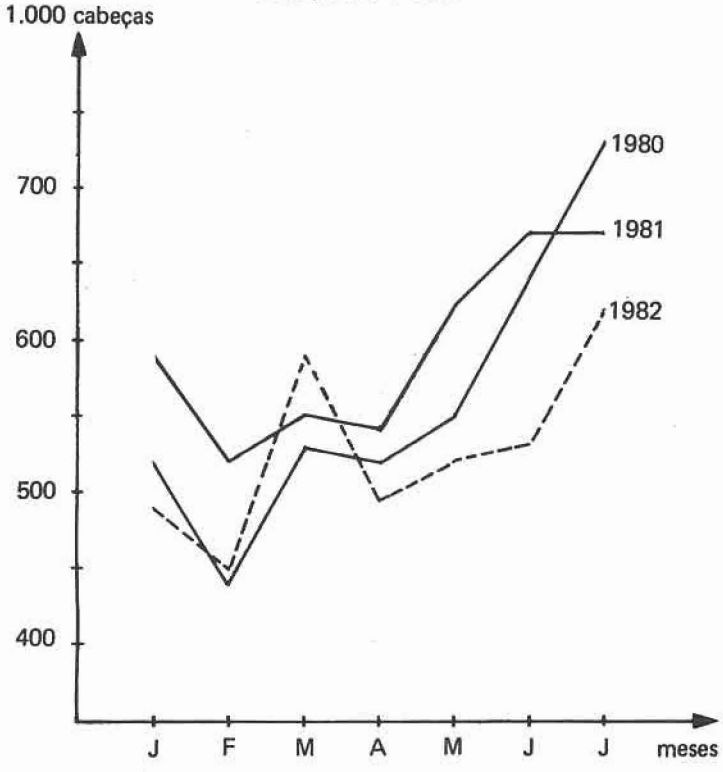
PARANÁ, SANTA CATARINA e RIO GRANDE DO SUL – Preços Relativos Suíno/Milho
Mês a Mês – 1980 a Agosto de 1982



FONTE: CEPA'S.

GRÁFICO 5

REGIÃO SUL: Abates SIF de Suínos — Janeiro a Julho — 1980, 1981 e 1982



21% em 1981.

O resultado financeiro favorável, obtido pelos suinocultores no presente ano, compõe mais uma etapa do ciclo suinícola brasileiro, cuja fase anterior estendeu-se de 1978 a 1981, como demonstra a tendência dos preços reais do suíno para corte apresentada no Gráfico 3. Cabe registrar que os preços dos suínos sofrem influências provenientes de diversas áreas econômicas, destacando-se entre elas a própria pecuária de corte, a oferta interna de milho e o mercado de óleos vegetais (devido à sua correlação com a banha de porco).

Assim, a partir de 1978, os fatos que vieram afetar os preços recebidos pelos suinocultores foram os seguintes: 1) a peste suína africana, responsável pela queda dos preços em 1978; 2) redução dos plantéis em 1978, acarretando um aumento dos preços em 1979; 3) aumento da produção em 1979 e fechamento das exportações, provocando nova redução dos preços em 1980, que também foi influenciada pelo processo de baixa dos preços da carne bovina, verificado naquele ano; 4) a recessão econômica, ao lado da vertiginosa diminuição nos preços reais do boi gordo e da elevada oferta de suínos terminados no ano passado, manteve baixos os preços recebidos.

É difícil acreditar, no entanto, que o suinocultor, embora ciente de que o aumento da produção irá acarretar depreciação do valor do animal, tenha deixado de aumentar seus plantéis este ano. À exceção das regiões dominadas pelas estruturas integradas de produção, parece provável que o criador de suínos, impulsionado não só pelas elevadas cotações alcançadas pelo animal como, também, pela folgada oferta de milho, tenha aumentado o número de seus animais em produção. Respaldam esta possibilidade o fato de a atividade ainda ser caracteristicamente desorganizada e de os preços do milho, este ano, terem incentivado amplamente a engorda dos animais.

Desta maneira, é bastante provável que a euforia causada pelos bons preços recebidos desde o início do ano leve a uma maior oferta de animais prontos para abate, a partir de meados de 1983. Além disso, os últimos meses do ano são tradicionalmente caracterizados por um aumento da demanda pela carne suína, o que certamente manterá elevada a cotação do porco em pé. Até o início do próximo ano, a relação de preços suíno/milho deverá continuar a favorecer o criador: a oferta de milho deverá continuar satisfatória até a entrada da nova safra, devendo os seus preços registrar ascensão moderada na presente entressafra, visto que o governo detém significativo estoque do produto e já iniciou sua colocação no mercado.

Como ainda é remota a perspectiva de que, a curto ou médio prazo, reiniciem-se as exportações brasileiras de carne de porco, pode-se esperar um aumento da sua oferta no mercado interno a partir do segundo semestre de 1983, o que, sem dúvida, levará à queda dos preços pagos ao produtor. Por outro lado, se o aumento real dos preços do boi gordo na entressafra do próximo ano for mais marcante, as perspectivas não serão tão desfavoráveis aos suinocultores. Essa melhoria de perspectivas não será suficiente, no entanto, para descaracterizar a suinocultura como atividade incerta, em um país onde, infelizmente, a ingestão de proteínas animais permanece em níveis extremamente baixos.